

## **Histórias recontadas: Análise da relação entre bíblia e literatura e da feia atora e autora em *A mulher que escreveu e Bíblia* de Moacyr Scliar**

Keila de Sousa Freire; Cilene Pereira Maximiano

(Universidade Estadual da Paraíba – [keila-de@hotmail.com](mailto:keila-de@hotmail.com))

(Universidade Estadual da Paraíba – [cilenemaximiano@hotmail.com](mailto:cilenemaximiano@hotmail.com))

**Resumo:** A vivência com o sagrado é historicamente representada através do contato mediado pelas religiões, seus livros e ritos. Hoje, porém, segundo Magalhães; Silva (2008, p. 159) ”já não vivemos mais num meio social no qual a religião exerce um poder totalizante e funciona como a única base na construção de identidades sociais, mas vivenciamos sim um espaço de identidades múltiplas e transitórias”. Nesse sentido, a experimentação subjetiva atravessa os limites do eu e chega a expressões sociais através da literatura, por exemplo. Eles continuam o raciocínio dizendo que a religião é uma das primeiras grandes linguagens de interpretação da condição humana, ou seja, o marcador da inteligibilidade do ser humano e de sua compreensão no espaço tem como marco inicial os textos que tratam de fé, religião e contato com o sagrado. Tendo o texto como objeto profícuo, o trabalho colocará, mais uma vez, em destaque, a relação tensa e ao mesmo tempo produtiva entre o literário e a Bíblia e isso será feito através da análise crítica do livro *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) de Moacyr Scliar. A narrativa traz para a leitura uma protagonista feminina que não faz parte dos padrões da época e os padrões aqui aferidos não fazem relação somente com a estética, mas também aos padrões de passividade alocados ao gênero. Toda essa quebra se dá dentro de um ambiente extremamente fechado e patriarcal onde Salomão é rei social e local, dono de todas as mulheres.

**Palavras-chave:** Sagrado; Bíblia; literatura; mulher; análise.

### **1 - Introdução**

A vivência com o sagrado é historicamente representada através do contato mediado pelas religiões, seus livros e ritos. Hoje, porém, segundo Magalhães; Silva (2008, p. 159), ”já não vivemos mais num meio social no qual a religião exerce um poder totalizante e funciona como a única base na construção de identidades sociais, mas vivenciamos sim um espaço de identidades múltiplas e transitórias”. Nesse sentido, a experimentação subjetiva atravessa os limites do eu e chega a expressões sociais através da literatura, por exemplo.

Magalhães; Silva (2008) continuam o raciocínio dizendo que a religião é uma das primeiras grandes linguagens de interpretação da condição humana, ou seja, o marcador da inteligibilidade do ser humano e de sua compreensão no espaço tem como marco inicial os textos que tratam de fé, religião, contato com o sagrado que está intimamente ligado, neste momento, ao divino. O texto,

portanto, é a porta de entrada para contatos incontáveis e a ideologia nele imposta representa sua individualidade autoral.

Tendo o texto como objeto profícuo, o trabalho colocará, mais uma vez, em destaque, a relação tensa e ao mesmo tempo produtiva entre o literário e a Bíblia e isso será feito através da análise crítica do livro *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) de Moacyr Scliar. O texto literário aborda, de forma irônica e sagaz, a primeira escritura do livro sagrado judaico-cristão (a Bíblia) contando a história de uma mulher (não nominada) e feia que é escolhida como esposa para fazer parte do harém do Rei Salomão. A narrativa traz para a leitura uma protagonista feminina que não faz parte dos padrões da época e os padrões aqui aferidos não fazem relação somente com a estética, mas também aos padrões de passividade alocados ao gênero. Toda essa quebra se dá dentro de um ambiente extremamente fechado e patriarcal onde Salomão é rei social e local, dono de todas as mulheres.

Além do que já foi mencionado, a obra de Scliar desconstrói ambientes e imagens sacralizadas pela história, através da ironia, de modo a torná-las mais humanizadas. Para a análise de tais aspectos temos como aporte teórico Miles (1997), Magalhães; Silva (2008), Magalhães (2008; 2009), Gomes (2013), Touraine (2010), Pucca (2006), entre outros, para mediar a discussão entre bíblia e literatura e aspectos de gênero, abordando perspectivas de leitura e entendimento da bíblia como objeto literário e a posição da personagem feminina, narradora e escritora da primeira Bíblia da história. Assim sendo, o objetivo principal do trabalho que se desenvolverá é demonstrar como a literatura e o dialogismo com as diversas formas de expressão religiosa (em específico o livro sagrado judaico-cristão) é um campo fértil para (re) fazer histórias sacras e recontar episódios históricos que até então eram invioláveis.

## **2 – A bíblia e a literatura**

A bíblia é literatura ou a bíblia pode ser lida como literatura? É até comum a pergunta que nos coloca em dúvida se o objeto que estamos lendo é ou não uma obra literária, já que os limites do conceito de literatura não são exatamente claros para leitores e, até mesmo, para a crítica. A questão da bíblia é ainda mais espinhosa nesse quesito porque outro aspecto (a crença) parece ser a primeira forma de olhar que fez classificar o que é/era aquele livro. Acredita-se que a literatura é mais um efeito da Modernidade, pois sua classificação como tal só alcança visibilidade através das escolas

como a temos hoje, o que tínhamos antes deste advento eram leituras que serviam ao entretenimento, em maior parte, das elites, mas que não se consagravam como uma categorização explícita do material. O livro sagrado dos judeus e cristãos, por outro lado, é formatado e formulado com intenção já muito bem definida: a de ser o guia de vidas, comportamentos e ideologias daqueles que possuem credulidade no ser divino, Deus.

A aproximação, portanto, é problemática. Do lado da religião o olhar tortuoso para os críticos e as críticas literárias é a de que esse sistema de arte (geralmente vista como pagã) quer abocanhar, também, o divino. Os críticos e críticas, no entanto, entendem e veem potencial plurissignificativo, metafórico e simbólico da bíblia. Desse modo, Magalhães (2008, p. 13) diz que:

“O Cristianismo como literatura tem um lugar no campo das interpretações e traduções porque essa atividade resultou na discriminação do texto e contribui para ser um dos pilares teóricos da construção da civilização ocidental.”

Magalhães (2008, p. 18) em seu texto *A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia* diz que “livros como a Bíblia hebraica – o chamado Antigo Testamento -, a Bíblia Cristã, assim como o Alcorão não nascem em qualquer religião. Nascem em religiões monoteístas, grandes artificios da herança literária que o ocidente e o oriente possuem”. Continua afirmando que religiões politeístas não firmam suas crenças em algo escrito, mas divulgam seus cultos através da oralidade.

Para os cristãos, a bíblia não representa a voz de Deus falada por outras vozes, mas sim a própria reprodução do divino em forma de versículos e parábolas. Sobre a univocidade da leitura, Magalhães (2008) faz uma comparação entre a bíblia e os textos de Homero e chega à conclusão de que a riqueza da bíblia como obra da literatura está no fato da complexidade e intensidade das tramas e personagens e não em uma narração detalhista. O texto bíblico seria, dessa forma, sucinto e isso ocasionaria maior envolvimento dos leitores nos personagens e em seus dilemas:

(A bíblia) suas narrativas se tornaram paradigmas tanto da invasão dos opressores quanto da rebeldia de movimentos emancipadores. [...] Suas normas de comportamento influenciam decisivamente relações familiares, sociais e políticas. Podemos dizer, sem nenhuma dúvida, que a Bíblia é o livro por excelência da civilização ocidental, como nenhum outro conseguiu se tornar, mesmo levando em conta a criatividade e a vastidão literária dos países ocidentais. (MAGALHÃES, 2009, p. 109)

Tentaremos responder à pergunta inicial deste texto fazendo um breve percurso através das concepções da arte literária para depois percebermos a potencialidade das leituras bíblicas no olhar da literatura. Terry Eagleton em *Teoria da literatura: uma introdução* (2006) colocou vários

problemas existentes, até o momento sobre a definição de literatura e o primeiro deles é classificar o que é ficção.

Saber o que é ficção parecia desvendar o problema do conceito, mas foi percebido que a relação do ser humano com o ambiente era totalmente subjetiva e a ficção seria uma forma individual de vivência. A escrita do “estranhamento” e da “desfamiliarização” foi a hipótese defendida no início do século XX pelos formalistas e dizia que a arte e a literatura nos fazem repensar a realidade, porém Eagleton rejeitou essa ideia percebendo que a identificação do que é normal é mutável de acordo com os sistemas sociais e culturais da época. Isso seria, portanto, mais um fator de fora (exofórico) do que uma análise do material textual.

Literariedade e belo também foram conceitos analisados por Terry Eagleton, porém ambas classificações dependem mais do leitor e suas particularidades do que da obra em si. A indefinição do conceito não impediu, no entanto, que a crítica começasse a elencar a “boa” e “má” literatura e hoje em dia essa separação continua latente, mesmo que a produção mercadológica indique outra via: A considerada “literatura de massa” e os best-sellers prosseguem sendo as obras mais produzidas e consumidas por leitores de todos os tipos.

Antonio Candido em Formação da literatura brasileira (2012) lança a ideia de sistema literário como forma de lidar com a imprecisão de definir a literatura brasileira. Para Candido, quem escreve não pode ser visto como alguém isolado em sua genialidade, mas o próprio autor é leitor de outros autores e é movido por um sistema social mutável e inconstante que influencia diretamente suas produções. Em nosso tempo alguns defendem que passamos, outra vez, por uma crise da literatura ocasionada pela sua não definição e também pelo avanço da chamada literatura marginal que redefine, mais uma vez, os deslimites da produção de arte literária.

O cânone e o que está fora do cânone medido pelo mercado da crítica ainda tenta conter a contemporaneidade das produções inovadoras, mas a Bíblia, em exceção, foge a essa regra quando tenta manter a sua forma mais erudita. O mercado de produção é muito vasto e, segundo Lima (2015 apud. Campos, 2012, p. 45-51), a produção de Bíblias, no âmbito protestante, em 2011 distribuiu mais de seis milhões de volumes. Outra característica dessa produção e da forma como ela reflete nos leitores e fieis é a sua constituição visual, tanto no livro com bordas douradas e capas duras, como, também, no momento de sua máxima proclamação: os cultos e as missas. As vestimentas formais e a ritualística das celebrações tentam, mesmo depois de dois mil anos, manter a tradição. Para que o chamado livro sagrado alcance mais ambientes, a produção também

confecciona as edições menos detalhadas e de bolso, mas um detalhe parece permanecer imutável: a sacralização da leitura.

“Podemos dizer que a presença concreta da bíblia numa tradição literária não faz dela uma obra como as demais. Ela quase sempre permanece protegida por uma cultura religiosa que a mantém numa posição particular dentro de qualquer sistema.” (LIMA, 2015, p. 23)

A expressão bíblia como literatura, segundo Lima (2015) só chega ao mercado editorial brasileiro na década de 1990. O biógrafo de Deus, Jack Miles (1997, p. 14) diz que o conhecimento de Deus como personagem literário não impede e nem exige a crença em Deus. Diante disso, para a aproximação entre arte literária e livro sagrado, algo não pode deixar de ser considerado: para interpretarmos e entendermos o processo da literatura dentro da bíblia não devemos ignorar seu sentido lato para o povo de que é guia espiritual e religioso. Ler a bíblia fugindo dessa perspectiva é promover o apagamento da história da produção e da memória coletiva de seu povo. A leitura deve, portanto, extravasar o limite desse entendimento e perceber, como Magalhães nos propõe, que a bíblia não é apenas teológico, mas sim um livro de cultura do Ocidente:

Para Magalhães, a bíblia é um livro de todo ser humano, porque nele se encontram diversas imagens que fabricaram os imaginários das sociedades, e suas histórias ainda hoje são referenciais de muitas atitudes e comportamentos éticos. (MAGALHÃES, 2009, p. 239 apud GOMES, 2013, p. 23)

Sendo uma “colcha de retalhos”, hoje sabemos que as formas de produção dos textos bíblicos se davam através de compilações de textos menores e de outras origens. Essa fragmentação organizacional dificulta, em certo nível, a leitura diacrônica da obra como um todo, por isso que na leitura literária não podemos tentar buscar linearidade, mas entender o texto como forma de abertura para o entendimento dos símbolos que temos até hoje.

Ao contrário da leitura estritamente teológica, que é retrospectiva e que busca a reconstrução dos dados a partir de um sistema de ideias normativas, a linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estas podem crescer, serem alteradas no decorrer das narrativas. Em vez de imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. (MAGALHÃES, 2008, p. 18)

Não há, portanto, na bíblia, assim como nos outros livros sagrados, uma única forma de aproximação de visões e leituras. Os reducionismos precisam ser evitados para que a relação entre campos tão fortes seja produtiva para nossa cultura e entendimento de si. A bíblia já é parte de nós e

de nossa produção literária como fonte de inspiração e para exemplificarmos isso traremos para essa discussão a obra de Moacyr Scliar *A mulher que escreveu a bíblia* (1999).

### **3 – A feia atora e autora em A mulher que escreveu a bíblia, de Moacyr Scliar**

A bíblia como literatura e/ou como inspiração para a literatura produziu grandes e conhecidas obras, a exemplo de Esaú e Jacó de Machado de Assis, história baseada no livro do Gênesis, parte integrante da bíblia. Essa valiosa produção ajuda os dois lados da história e é por isso que a aproximação entre os livros (bíblia e literatura) está sendo largamente discutida. Moacyr Scliar em 1999 escreve o livro *A mulher que escreveu a bíblia*, obra baseada no livro de Harold Bloom, O livro de J. Bloom se baseando em uma tradução feita por David Rosemberg sustenta que uma boa parte do Antigo Testamento teria sido escrita por uma mulher. Essa possibilidade que inspirou Scliar está presente no romance como epígrafe:

Em Jerusalém, há quase três mil anos, alguém escreveu um trabalho que, desde então, tem formado a consciência espiritual de boa parte do nosso mundo [...]. Não era um escriba profissional, mas antes uma pessoa altamente sofisticada, culta e irônica, destacada figura da elite do rei Salomão [...]; uma mulher, que escreveu para seus contemporâneos como mulher (Harold Bloom, *The book of J*)

A ironia seria uma das principais características desta Javista, o marco de sua estética. Nesse sentido Scliar (1999) escreve sobre uma mulher feia (não-nominada) que é chamada pelo Rei Salomão para fazer parte do seu harém como uma das 700 esposas e 300 concubinas que dividiam o amor, atenção e leito do Rei. A feia, sendo filha de um pastor de cabras, passou boa parte de sua vida alheia à sua condição física, pois o espelho era considerado pecado da vaidade, além de ser um artefato caro, destinado a ricos e nobres proprietários. Estando sempre suspeitosa de sua condição não favorável em relação à beleza, ela, a feia, confirma isso através de um espelho que sua irmã tinha e escondia de todos. A partir daí a consciência de sua condição como mulher começa a entrar em crise:

Tinham tentado poupar-me à acabrunhante realidade mediante uma laborosa conspiração. Ao longo dos anos, haviam sido personagens de uma comédia, exitosamente encenada para plateia reduzida: eu. “Aí vem ela, vamos fingir que nada notamos em sua face, vamos fingir que ela é normal, um pouco bela, até – não vamos nos mostrar deslumbrados diante de sua beleza porque periga não colar, quando a esmola é demais o santo desconfia, mas se nos portarmos de maneira natural, cairá direitinho.” Espectadora única, eu fora facilmente enganada. Verdade que a atuação deles, agora eu era forçada a reconhecer, fora soberba. Ninguém falava de meus traços; ninguém diria, por exemplo, como és bela – mas também ninguém diria, és medonha. Guardariam silêncio, ou então recorreriam a sinuosas expressões de elogio: como tu estás bonita com essa túnica. A afirmativa “tu estás bonita” sempre se acompanharia de uma relativizadora complementação (“com essa túnica”), o que

atenuaria a mentira, tornando-a suportável aos olhos de Jeová e ao mesmo tempo alimentando a piedosa ilusão. (SCLIAR, 1999, p. 24-25)

O livro é dividido em duas partes: a primeira conta a trajetória de um professor de história, filho de um comunista ferrenho que, cansado de não ser valorizado por sua profissão, resolve abrir um lugar onde as pessoas podem regredir a vidas passadas, sendo uma espécie de terapeuta. Tendo ficado muito conhecido por sua prática, seu consultório estava sempre lotado e uma de suas clientes transformaria, de novo, sua vida:

“- É filha de fazendeiro – acrescentou a secretária, piscando o olho. Ou seja, a moça tinha grana, o que não era decisivo mas, claro, pesava na balança. Recebi-a, admiti-a para o tratamento.” (SCLIAR, 1999, p. 12)

Não se dando bem com seu pai e tendo um amor não-correspondido por um funcionário da fazenda, a mulher inspirava mistério e isso fez com que o terapeuta se apaixonasse por ela. Esse primeiro capítulo, escrito todo em itálico, termina com a paciente indo embora com um homem que aparenta ser o funcionário de seu pai que a esnobara e deixa uma carta destinada ao ex-professor de História onde conta, em forma de livro, a regressão que a colocava dentro do palácio do Rei Salomão como uma de suas esposas.

Um detalhe, no entanto, é deixado para a última linha dessa parte: “Que mais? Ah, sim, ela era feia.” (SCLIAR, 1999, p. 17). A feiura, última característica da pessoa que provocou tal paixão, é o primeiro ponto a ser revelado na segunda parte do livro que é o resultado das sessões de terapia:

A feiura é fundamental, ao menos para o entendimento desta história. É feia, esta que vos fala. Muito feia. Feia contida ou feia furiosa, feia envergonhada ou feia assumida, feia modesta ou feia orgulhosa, feia triste ou feia alegre, feia frustrada ou feia satisfeita – feia, sempre feia. (SCLIAR, 1999, p. 19)

A feiura é aspecto fundamental na narrativa de Scliar e o motivo nos faz remeter a uma dualidade largamente conhecida: beleza *versus* inteligência. A narradora dessa outra parte da obra de Scliar possui uma habilidade, no período, bastante reconhecida e digna de respeito, saber ler e escrever. Essa atividade era destinada exclusivamente a homens que eram chamados de escribas e foi através de um deles, um velho e amigo do pai, que ela aprende:

Aquilo sim, era uma coisa surpreendente, a coisa mais surpreendente que ocorrera em minha vida. Escrever era coisa para raríssimos iniciados, para gente que por mecanismos

obscuros, chegava ao domínio de uma habilidade que nós outros olhávamos com um respeito quase religioso. Além disso – mulher escrevendo? Impossível. Mulher, mesmo feia, era para cuidar da casa, para casar, gerar filhos. O que ele estava me propondo não chegava a ser uma transgressão, mas era algo fora do comum. (SCLIAR, 1999, p. 38- 39)

Além da escrita, o homem e a narradora tinham outra característica em comum: a feiura. A continuidade da história nos faz perceber que tal habilidade fazia a ausência de beleza diminuir o impacto causado nos outros.

Outro personagem que merece destaque pelos mesmos motivos é outro escriba, agora o de dentro do palácio do Rei Salomão quando a feia já vive por lá e demonstra ao rei que sabe ler e escrever. O encontro desses dois ocorre mediante a surpresa que os primeiros escritos da protagonista causam naqueles que já ali vivem e escreviam há muito tempo. O velho (e feio) invade o quarto dela levado pelo ímpeto sexual presente nas escrituras que contém a criação do primeiro homem e primeira mulher:

Diante de mim estava um ancião, um dos seis gnomos barbudos designados para guiar-me na elaboração dos textos. Eu não sabia o seu nome; aliás, não sabia o nome de nenhum deles; para mim eram todos iguais, uns clones encarquilhados. Por que teria aquele se desgarrado do grupo? Por que estava à minha porta, um sorriso alvar naquela cara idiota, gaguejando desculpas pelo inapropriado da hora?

- Estou aqui por causa do seu trabalho – disse, mostrando um pergaminho: o meu pergaminho no qual eu estivera trabalhando. – O trabalho que o rei nos encomendou, sabe. (SCLIAR, 1999, p. 129)

A partir desses três personagens podemos perceber, portanto, o quão importante é o aspecto da feiura descrito logo no início da narrativa. A transgressão da beleza é, também, a transgressão da escrita, principalmente para uma mulher em um período de irrestrita submissão e forte alocação de papéis de gênero.

Ela casa-se, porém seu contrato de casamento transcende a função de esposa que espera seu marido para cumprir suas funções no leito de amor, o contrato dos dois (Rei Salomão e a feia) está no liame da confiança e do poder, já que é designada a ela a função de postergar para a eternidade a história de Salomão através de um livro, o livro do povo judeu:

- Um livro. Um livro que conte a história da humanidade, de nosso povo. Um livro que seja a base da civilização. Claro, o livro, como objeto, também é perecível. Mas o conteúdo do livro, não. É uma mensagem que passa de geração em geração, que fica na cabeça das pessoas. E que se espalha pelo mundo. O livro é dinâmico. O livro se dissemina como as sementes que o vento leva. (SCLIAR, 1999, p. 116)



Para as mulheres o lar, entretanto Scliar coloca a narradora e protagonista em posição de controle, algo totalmente abominável para a época. Ter tal tarefa na ponta do lápis, finalmente é a ascensão que a feia tanto desejava, mas que não viria pelos moldes tradicionais e, sim, pela liberdade da escrita:

“Uma das formas mais importantes de liberdade é a escritura que, além de libertar, possibilita o autoconhecimento [...] o que é relevante é escrever, exorcizar os fantasmas, aprender com a escrita e, finalmente, libertar-se do passado.” (MORAES, 2003, p.54).

Às 700 esposas e 300 concubinas estava reservada a disputa pelo leito e atenção do rei através da beleza e à feia, a partir de agora, estava concedido um lugar de importância e destaque ao lado do rei sempre que se fizesse necessário:

Nesse empreendimento estaríamos juntos, ele e eu. Se não partilhávamos a cama, pelo menos partilharíamos um objetivo em comum. O texto seria o refúgio em que habitaríamos, só ele e eu, longe das setecentas esposas e das trezentas concubinas, longe do trono e de seus leões, longo dos pombos que em tudo cagavam, longe das intrigas políticas e das audiências públicas. Em verdade, tão excitante me parecia agora a perspectiva de escrever o livro que me senta gratificada pela simples ideia de nele me envolver, de seguir o fio da narrativa como quem segue uma pista no labirinto. (SCLIAR, 1999, p. 121)

De acordo com Bakhtin (2010, p. 137) não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras e é nessa impossibilidade de total neutralidade que a escritora passa a ser controlada em sua atividade por anciãos que há mais de uma década tentavam organizar e escrever o livro pedido pelo Rei. Essa escrita mediada torna-se uma penalidade advinda daqueles que deveriam ser os únicos a realizar tal feito.

Alain Touraine em *O mundo das mulheres* (2010) discute acerca de um conceito que situacione o que é gênero na história e ele parte da sexualidade como mote para a discussão. A construção de si seria, dessa forma, o poder que a mulher tem para escolher e viver sua sexualidade não se preocupando com regras estabelecidas pelo sócio-cultural. Na obra de Scliar existe um limiar tênue para aplicarmos o conceito da construção de si na personagem que ora aparece independente em sua forma de construir-se e em outras aparece subjulgada quando praticamente implora para ser a escolhida da noite pelo rei.

Em sua infância, a feia começa a descobrir seus prazeres em uma caverna (simbologia bem significativa para esconder o que é feio, proibido) com uma pedra que ela usa em processos masturbatórios para conhecer a si e o prazer que lhe pode ser oferecido:

Não sei. O certo é que a pedra – pelo tamanho, pelo formato ovóide, e sobretudo pela lisura – servia perfeitamente para o que eu queria. Essa pedra substituiria o amante que eu, feia, nunca teria. Introduzida na vagina, far-me-ia gozar.

Não deu outra. A partir daí a boa pedra me proporcionou muitos e muitos momentos de amargo e solitário prazer. Oculto sob outras pedras, essas de aparência comum, grosseira, o querido calhau aguardava por mim; impaciente, antecipando o momento de penetração em certa grutinha úmida; fremindo, sim, de prazer. Que? Pensais que as pedras não sentem? Enganai-vos, homens e mulheres de pouca fé. As pedras sente, sim, sente muito mais do que certos humanos, os de duro coração e os outros. (SCLIAR, 1999, p. 33)

Nesse aspecto, percebemos que a independência sexual começa a formar um sujeito que, apesar de partir para tais práticas por conta da feiura, sai do esperado que é a submissão para uma atividade que Alain discute como principal ponto de partida para a formação de si. Por outro lado, esse lascinante desejo que é saciado pela pedra passa ao homem como dependência do falo: primeiro o pastorzinho que rondava as terras do seu pai (mas ele acaba se apaixonando por sua irmã), depois o Rei Salomão como seu marido e o mais forte desejo:

De imediato e apaixonei por ele. Uma paixão avassaladora, definitiva, a paixão que eu tinha certeza, daí em diante governaria minha vida. Bendito o momento em que ele resolver me chamar. Bendita a carta que me mandara. Bendita a boca que ditara as palavras daquela carta, bendito o homem, aquele lindo homem. Eu podia passar anos olhando-o, em muda adoração. Finalmente descobria o amor. O pastorzinho? Não, aquilo fora apenas um teste, um treino. Com ele, meu coração se prepara para o grande salto da paixão. Que estava agora tão próxima. (SCLIAR, 1999, p. 59)

Apesar de um aparente anacronismo de leitura e conceitos, a obra de Scliar narra o passado pelo viés da contemporaneidade e isso é percebido pelos aspectos de discursos feministas e de sexualidade (quando ela questiona a criação primeiro do homem e não da mulher e, também, pela figura do Deus ser masculina e não feminina), questionamentos acerca da produção do livro sagrado e da escolha de perspectiva. Sobre isso, Pucca (2006, p.5) diz:

A protagonista vê com os olhos da modernidade (ou pós-modernidade) suas experiências vividas em uma época longínqua. É o rever a tradição, reconta-la sob outros olhares não só restritos a uma elite letrada, sendo, neste caso, a postura feminista frente ao discurso (religioso – eurocêntrico, ou seja, a partir do homem branco, cristão, ocidental) que sempre marginalizou.

A mulher que escreveu a bíblia é, portanto, mais que uma obra baseada na história da divulgação e produção da bíblia, é uma sátira a figuras históricas (a exemplo do Rei Salomão que tem sua sabedoria posta em dúvida pela feia), um tratado de dessacralização de personagens intocáveis por seu valor na fé de uma grande quantidade de pessoas e um livro de levantamento de discussões acerca da construção do feminino como subserviente na sociedade e na literatura como um todo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Bernardini. 6.ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 13. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2012.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387 p.

GOMES, Geam Karlo. A madona de cedro: um diálogo entre literatura e religião. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2013.

LIMA, Anderson de Oliveira. A bíblia como literatura no Brasil: História e análise de novas práticas de Leitura Bíblica. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; SILVA, Eli Brandão da. Religião, sexualidade e representações de gênero. Considerações introdutórias. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). Identidades de gênero e práticas discursivas. Campina Grande: EDUEP, 2008.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. In: FERRAZ, S., et al.,orgs. *Deuses em poéticas*: estudos de literatura e teologia [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7879-010-3.

\_\_\_\_\_. Deus no espelho das palavras; teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIMA, Anderson de Oliveira. A bíblia como literatura no Brasil: História e análise de novas práticas de Leitura Bíblica. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.

MILES, Jack. Deus, uma biografia. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997



MORAES, T. Escritura: caminho para a emancipação da mulher. In: GHIILARDI-LUCENA, M.I. (Org.). Representações do feminino. Campinas: Átomo, 2003. p.39-55.

PUCCA, Rafaella Berto. Dialogia e marcas da oralidade em A mulher que escreveu a bíblia de Moacyr Scliar. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos literários. Volume 7, 2006.

SCLIAR, Moacyr. A mulher que escreveu a Bíblia. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TOURAINÉ, Alain. O mundo das mulheres. Tradução de Francisco Morás. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)